

O ÓDIO QUE COAGULA O SILÊNCIO: COMO FAZER PENDER MESMO UM DOS PRATOS DA BALANÇA LITERÁRIA? – UMA LEITURA PARA ALGUNS TEXTOS DE JONATAS R¹.

Rodrigo Ségges Ferreira Barros

Peço licença pra “falá”. Ainda que seja com a mesma atitude com que tomo o turno discursivo, aprendi, desde pequeno, que há uma barreira bem delineada entre o asfalto e a voz do morro. Antes mesmo que “as coisas” fiquem feias pro meu lado, entro nesta instância discursiva com toda humildade e respeito. Sempre temi barulhos encomendados, acerto de conta, mulher dos outros e, principalmente, feitiço de santo. Então, é sempre bom mesmo prevenir do que remediar.

É com essa atitude de prevenção que vou apresentar meu discurso. Sei que ponho minha conta em risco ao assumir a primeira pessoa. Escrevo como em uma corda bamba, como quem, durante uma roleta russa, tem uma pistola apontada pra cabeça. No entanto, neste ensaio, em vez de bala, tenho todo o patrimônio da língua. Por isso, escolho quem vale menos, escolho lidar mais uma vez com a infração. Já que é para pôr em risco minha própria carne, já que é para lidar com o imperativo da linguagem, faço apelo à experimentação discursiva. Em momento algum, meu compadre – que Exu me valha de caminho, de força verbal e de apelo à comunicação –, almejo dar conta da racionalidade científica. Prefiro mil vezes o caos, o tumulto, a balbúrdia – lido com Exu, minha gente! –, do que deixar de trazer, a este texto que se enuncia, a experiência sensível a que sou submetido. Minha escrita não vai nunca dar conta da realidade. Mesmo a realidade sendo possível pela linguagem, palavra alguma seria capaz de representar o que toco, o que vejo, o que dança em meu paladar. Ainda assim, só a linguagem é possível! Minha escrita tem como sintaxe o grito, o barulho, as vozes que se sobrepõem. Minha escrita é tão retumbante que incorpora o silêncio, a arbitrariedade do discurso rompido, fragmentado. Ao trazer esse silêncio como elemento discursivo, como você pode notar, nunca imaginei ter a pretensão de dar conta de tudo. Plágio, portanto, a linguagem do objeto literário a que me ponho validar a partir da minha análise.

¹ Jonatas R. é bacharelado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ele atualmente mantém um blog para a divulgação de seus escritos: <http://lirismokitsch.blogspot.com.br/>.

Dentre tantos, escolhi, mais uma vez, o menor. Desta vez, escolho um bem menor mesmo, um quase miudinho. Assim, nas linhas que se seguem, num misto de prazer e de atenção crítica, farei dançar alguns dos coeficientes que podem caracterizar uma coletânea de escritos contemporâneos de um autor amigo meu. Quero lidar mesmo com um estrangeiro em sua própria língua. Mais do que isso, um estrangeiro em seu próprio meio sócio-cultural. Ainda que a coletânea de textos que me serve de objeto comece a ser divulgada em um suporte midiático bastante democrático e, tecnologicamente, sofisticado – um *blog* na internet –, o mesmo não pode ser afirmado a respeito do autor. Aqui, meu caro leitor, abro espaço para Jonatas R.. Acredito que ele me possa ser o melhor – ao menos agora, já que as mudanças contemporâneas são tão velozes – exemplo de autor que rasga, na língua, uma fenda. Fenda essa a partir da qual faz com que lidemos e com que entendamos o quão a língua, a que somos submetidos, é uma massa, uma mistura esquizofrênica. Jonatas R., ao optar pelo trabalho solitário e artesanal, ao escolher a escritura como forma artística de dar voz a seus anseios poéticos, de opor o caráter oprimido da língua a seu caráter opressor, escreve também “como um cão”. Por isso, esse autor é, acredito – ainda que com todo o risco, né? –, minha melhor cartada. Nada melhor para pensar a contemporaneidade do que um filho dela mesma. Digo filho, pois nada mais ambíguo e político do que o papel assumido por esse escritor ao trabalhar com a escritura. Muito sabiamente, Jonatas R. tem como matéria a linguagem. Ela que, por sua vez, se divide e que comporta centros múltiplos de poder. Desta forma, à medida que a literatura desenvolvida por Jonatas R. é oprimida pelo corolário das leis da língua, sua escrita, por resistência, por trazer ao extremos os seus limites, faz força oposta a essa opressão. É como se, em vez de grito do propriamente dito, a arte desenvolvida por Jonatas R. fosse apenas o silêncio das línguas cansadas, a costura precisa das “vozes” que o formam como um intelectual ativo, mas estrangeiro em seu próprio tempo. Para ajudar ainda mais o poder de intensidade com que trabalha esse meu amigo, ele tinha que ser pobre, preto, favelado, maconheiro, bicha e macumbeiro. Eparrei, minha mãe! Tudo nos ventos do tempo, muito nas dobras de uma linguagem trabalhada em sua sistematicidade. Jonatas R. é ou não um dos filhos pródigos mais representativos do caldeirão cultural desses nossos tempos, cara? É exatamente o visionário dentre muitos outros, claro, é exatamente um corpo intelectual que tem como potência linguística a pobreza, a marginalidade, não mais como fuga ou desculpa, ou pedido

de permissão para existir. Ainda bem que Jonatas R. opta pela máquina da escritura. Dá pra perceber, a partir de que feridas, como esse autor vai criar, por meio de sua literatura, na língua – que, à força, nos é internalizada desde que nascemos – um corpo sistêmico outro? É um corpo de escrita sensível, um corpo de escrita cuja língua, cujas estampas culturais, vão desenvolver, em confronto com a língua culta, com a literatura canônica e/ou maior (cá entre nós, será mesmo? Desconfio, né?), uma espécie de reduto para os tensores ou intensivos. É obvio que a linguagem nos fragmentos literários de Jonatas R. nem de longe chega perto de sua potencialidade representativa. Mais do que nunca, a linguagem nesses pequenos fragmentos literários de Jureminha Del Fuego, é como Jonatas R. gosta de ser chamado pelos amigos mais íntimos, tende a seu extremo. Era, no início, o verbo! Fudeu, meu irmão. É a palavra que faz a linha de existência do ser no mundo. É assim, com essa construção de uma identidade antropotrava², que o ser autor-intelectual-amigo vai (se) impor sua voz narrativa, delimitadora de todo um imaginário homoafetivo e marginalizado.

Jonatas R. tem como projeto artístico-literário a divulgação de seus textos em *blog*. No entanto, Jonatas – muito ao contrário do que muitos intelectuais cujos argumentos se baseiam em teorias clássicas e modernistas temiam – se apropria de um dos bens da cultura de massa sem empurrar para escanteio a cultura popular. Seu objetivo maior não é mercado nem o consumo. Com toda sutileza possível, sem a menor pretensão de uma obra fechada, extensiva e armazenada nos porões de uma mídia que se torna cada dia mais obsoleta com o desenvolvimento tecnológico, Jureminha alia as possibilidades técnicas do suporte virtual a uma narrativa de um “alhures”. Como cantam meus pares pós-estruturalistas, ao trabalhar com uma narrativa fragmentada, cheia de lacunas e rompimentos, texto esse, então, que é capaz de convidar, pelas possibilidades tecnológicas do suporte em que se encontra, o leitor a uma intervenção propriamente dita. Jonatas R. parece romper com uma postura atrasada do intelectual brasileiro. Postura essa em que a imaginação técnica não era entendida, pelas classes populares, como ferramenta na luta pela emancipação do povo oprimido. É óbvio que posso pecar pelos confetes

² Palavra muito comum no vocabulário de Jonatas R.. É um neologismo cunhado por ele para expressar os fios teóricos que intermeiam seu projeto literário. No termo, foram misturadas as palavras “antropofagia” e “trava”, uma espécie de diminutivo afetivo para se referir às travestis. Seria uma espécie de *phagia* contemporânea em que, em vez de homens – figura de dominação, expressão da hegemonia paternalista da língua –, seriam comidas literalmente a cultura do homoafetivo?

que lanço a esse inquietante autor. Todavia, se ele não é o pioneiro, é um dos poucos nesse afã. Ao deixar ao leitor uma tarefa mais participante, Jonatas R. trabalha com um conceito de sentido muito contemporâneo. O sentido, para ele, está na forma como se acerca, no presente – momento da leitura e (re)escritura –, daquilo que está no “passado/futuro” – tempo de leitura. Em outras palavras, ao incorporar os vazios, os baques de leitura, ao reproduzir o estranhamento com que lidamos ao ler seus textos, Jonatas R. trabalha, como explicaria Ricardo Piglia, com o que ainda não é, com o indizível que precisa ser escrito, posto em funcionamento pelo movimento de leitura/escritura, já que ler é escrever com a mão alheia!

“pra início de conversa, quero deixar bem claro que vim aqui, de cara limpa, somente pra esclarecer esta coisa. Vô vomitar tudo que ‘tá engasgado, bem aqui na goela, e que fique avisado que nem curto fica’ fazendo média, medindo palavras, pra me fazer entender. Então, literalmente, se liga na mensagem: cansei de pagar de bonzinho pras opressãozinha do dia-a-dia. Um exemplo: acabei de fumar um bagulho de leve, na laje da minha casa, atrás da caixa d’água – por que “atrás da d’água”? Qual é o porquê de eu não sentar na poltrona da minha sala, com o jornal aberto, bancando de “intelek-tual”?

(MC Diego Chapa Quente do Tabajara)³

às vezes, tenho a impressão que nada que eu escrevo possui forma sólida. Acabei de chegar a conclusão de que a escrita não é lapidável. A escrita além de ser é amorfa, *não se cristaliza*, não é animal domesticável. a escrita não é fonte de energia renovável. – e esgotou-se. ao menos é o que me parece. longe de mim, fazer tal afirmação diante de uma rica tradição canônica de escritores complexos e analisados. eu que nem sei se sou publicável. desde as primeiras aulas de redação, na escola, sempre escutei que não havia fórmula para escrever. naquela época tudo que havia lido, e me interessado de fato, era um livro chamado: teté – o anjo amigo (ou o anjo legal, não me lembro). o livro contava a história de um anjo que fugia de sua nuvenzinha no céu para brincar com algumas crianças. quanto ao final – prefiro deixá-lo em aberto, livre para deduções. no entanto percebi que todos os grandes escritores canônicos complexos e analisados tinham lido uma porção de livros de outros escritores canônicos complexos e analisados. daí eu pensei – esta aí a receita de como escrever: ler grandes escritores canônicos complexos e analisados. li o tanto que pude, bem pouco pra falar a verdade, no entanto quanto mais eu lia, mais livros apareciam e eu acabei desenvolvendo um quadro megalomaniaco de leitura, verdadeira masturbação mental, enquanto os livros não acabavam. deixa eu retomar a ideia de quando percebi que a escrita havia se esgotado: assim que concluí ter lido o necessário para ter algo a dizer, me dei conta que, na verdade, eu propriamente, não tinha muito a dizer porque os escritores canônicos complexos e analisados já haviam falado sobre tudo. os escritores canônicos complexos e analisados haviam sugado tanto raciocínio que não nada mais era digerível.

³ Texto de autoria de Jonatas R., publicado em <http://lirismokitsch.blogspot.com.br> .

*Jonatas R.*⁴

Não é à toa que o projeto de escrita de Jonatas R. é por ele intitulado “inacabados”. Confesso que tem um dedinho meu nesse batismo. Dedinho, acredito eu, que seja modéstia minha, pois eu sou um dos leitores de Jonatas R. que mais o incentivou a tomar para si a ideia de uma produção literária destinada a uma recepção cuja principal característica é o esgotamento. Um dos legados deixado pela cultura de massa é a necessidade de que a obra artística exteriorize o tempo e o gosto contemporâneos, mantendo, com isso, um diálogo imediato e eficaz com os espectadores, com o público. É disso que vai, principalmente, se apropriar, além das convenções e facilidades do gênero midiático em que se divulgarão seus escritos, Jonatas R. Por ser mecanicamente mais veloz, mais enxuta, a maioria dos textos elaborados por Jonatas reflete, numa certa medida, o gosto da coletividade contemporânea. Somos pessoas muito atarefadas. O tempo de consumo e de apreensão se tornou um item de luxo. Além disso, além do fôlego, como mesmo expõe o narrador do texto exemplificado acima, a tradição cultural erudita já disse tudo. Já está tudo declarado. O que cabe a um escritor contemporâneo é despolarizar, desterritorializar o espaço desse discurso canônico, desse discurso clássico. Não é à toa que o texto metalinguístico de Jonatas R. traz, como interlocutor eleito, uma voz oriunda da favela, uma voz fruto da cultura de massa: a letra de um funk! Diante ao esgotamento de possibilidade de sentidos, diante à impossibilidade do original, pois a tradição erudita nos é imposta quase como uma maldição, o narrador do texto acima prefere “deixá-lo em aberto”. É o espaço da oralidade, é o enaltecer da tradição oral que vai permitir a esse artista contemporâneo lidar com o que lhe é arbitrário ou com que lhe é culturalmente imposto de maneira quase mágica: a dialética. Por nem se saber publicável, como é característico da força da tradição oral, a palavra, o diálogo – no texto acima, encenado pela posição do funk como interlocutor e do narrador que produz uma narrativa voltada para si mesma –, engendra uma função ambígua. Isso porque tem a função dupla de conservar e de destruir. Ao mesmo tempo que o narrador se vê impossibilitado, acuado, pela existência do patrimônio literário ocidental, ele rasga à “navalha” uma voz que faz força a isso. “A escrita não é fonte de energia renovável”, ainda mais para esse leitor que é ferido à força por essa narrativa. A opção é

⁴ Também disponibilizado em <http://lirismokitsch.blogspot.com.br>.

iminente: ou se escolhe o entorpecimento – vivido pelo excesso de estímulo, pelo excesso de informação trazido à tona com a cultura de massa, com a democratização dos meios de comunicação, tais como a internet –, ou se escolhe a abertura a um diálogo. É nesse momento que o corpo do leitor é convidado. Depois de iniciado, como uma iaô dentro de uma roça de candomblé, o leitor tem de assumir um papel mais atuante. A diferença política que deve ser assumida pelo leitor não deve ter mais o caráter de bestialização experimentado pela voz narrativa presente na letra de funk com que dialoga o texto de Jonatas R.. A opção não é mais pela maconha fumada atrás de uma caixa d'água tampouco o assumir-se como uma figura que se forja intelectual apenas por estar sentada num sofá, lendo um jornal.

Desta maneira, o texto de Jonatas R. faz mão da roupagem da banalização, da roupagem de um texto de prazer, para tornar ainda mais expressivos, ainda mais intensos, os ruídos evocados pela voz do marginalizado na letra de funk. Por essa razão, segundo as definições de Barthes, a sensibilidade do leitor é agilizada. O texto de fruição traz para sua sintaxe toda uma linguagem que se alimenta do “efeito de choque”. No entanto, por trazer os rangidos, trazer as rupturas de construção sintática, o texto de Jonatas R. desgasta o enunciado em nome da enunciação. A produção simbólica com que trabalha esse autor – por reelaborar duas tradições: a erudita e a oral – é caracterizada como simulacro. No palco da cultura de massa, dentro da instância cultural do discurso voltado para uma recepção dessacralizada, como uma mídia da internet, o narrador força-nos a presenciar apenas a onipresença da imagem. Isso porque o significado e o referente estão em contraponto, servem apenas como elementos discursivos. O texto que deveria, por ser simulacro, para matar o tempo, ao dar o leitor o papel de co-construtor de sentidos e de enunciados, ritualiza a experiência, ou seja, ajuda a entender melhor o universo simbólico e cultural dos nossos dias. Isso é prova de que o escritor contemporâneo de uma periferia subdesenvolvida não está fadado a ser um produtor para minorias.

Mais do que prova de que a diferença entre espetáculo e simulacro está no lidar apropriado que um indivíduo pode dar ao excesso de informação a que é exposto, as narrativas citadas mais acima são exemplo de como um texto de fruição pode manter sua força de suspensão de prazer. O prazer, ao suspender o valor do significado, a ordenação sintática lógica da língua, acaba dilacerando, de maneira

inversa, a força assertiva da linguagem. Por isso, que é preciso que o texto granule, raspe, corte, faça fruir. A literatura opta sempre pela discursividade. Para tanto, é preciso que o discurso brigue com a língua se se quer desfazer de sua assertividade natural. O prazer, a serviço da fruição, uma vez que os textos literários são assim caracterizados, a fim de resignificar a consciência nacional – incerta ou oprimida – funciona diabolicamente como um “Neutro”. Esse conceito de Barthes me é funcional, pois simboliza os interstícios por que opta a literatura menor, a literatura de Jonas R..

Desta maneira, os espaços vazios, a narrativa que é dada por uma enunciação coletiva, vide o espaço de diálogo instaurado no texto reproduzido neste ensaio, o posicionamento crítico delineado pela instância discursiva assumida nessa obra de Jonas R. assim como a polifonia – o agenciamento coletivo da enunciação — e a postura marginal em confronto com as leis da língua são exemplos da atitude política assumida por esse Neutro. O autor, como explicam Deleuze e Guattari, constitui uma ação necessariamente política, ainda que os demais não estejam de acordo.

Pelo caminhos de Exu, na encruzilhada do fazer crítico, como tentei fazer, nesta fala, ao querer pôr preço ao que se pôde, minimamente ler de Jureminha, posso dizer, então, que a arte poética assumida por Jonas R. é funcionalmente cinematográfica. Seus textos, principalmente o citado neste trabalho, submetem o leitor, que deixa de ser inocente à força, pois o pacto de leitura nos é posto a um “efeito de choque” mesmo com risco à nossa pele. Isso parece ter a intenção de agilizar nossa sensibilidade para melhor compreendermos os problemas sócio-culturais e poéticos de nosso tempo, para melhor entendermos a que papel está relegado nosso intelectual dos dias de hoje.

Ou então, podemos entender sob o viés de análise de David Lapoujade, quando faz uma separação conceitual entre um corpo ativo – e muitas vezes anestesiado – e um corpo inativo, e muitas vezes dotado de um estranha potência. A obra fragmentada de Jonas R., de acordo com essa leitura, seria um bom exemplo para o “Organismo-sem-órgãos”. O filósofo David Lapoujade argumenta, dizendo que a produção artístico-cultural contemporânea, até mesmo pelo excesso de estímulos a que somos expostos pela cultura de massa, provoca, primordialmente, uma exaustão do corpo. O corpo reage, portanto, reversamente a um agente político massificador que interferir em sua forma. Nesse sentido, num ato político de

resistência, de manifestação contrária, Jonas R. produz um corpo de escrita “deformado”, exausto. Esse corpo parece querer, de certa forma, reagir, por ser a ausência, a contrapartida. Se confrontarmos o corpo “deformado” com o corpo ativo, em forma, que é regulamentado por um poder moralizante, poder esse representado pelos parâmetros da sociedade e da língua culta, somos levados por um caminho – faça as oferendas necessárias a Exu antes de tomar essa vereda que lhe apresento, querido amigo – que permite, então, entender mais a opção tomada por Jonas. Seu texto é cheio de cavas, é o inativo dentro da língua, é a literatura entendida como menor, é a literatura cerceada pela literatura clássica, canônica. Não obstante, é um “corpo” dotado de uma potência do não-banalizar diante ao sofrimento. Esse sofrimento, essa falta, é visto não como doença, mas sim como possibilidade de assimilação, logo como “jogo” ao estímulo moralizante externo.

Sem querer ser a palavra final, ou mesmo sem querer trazer o cartesiano de um fechamento, além de uma promessa que se confirma pelo confronto, pela necessidade de ser uma literatura que pensa por si só, a obra de Jonas R. pode ser entendida, numa metáfora biológica, como um organismo que se esvazia do que lhe é funcional: os órgãos, as células altamente especializadas, assumindo, então, para si os espaços vazios como instância da potência, como símbolo de uma embriologia transcendental: as células-tronco!

REFERÊNCIA

AGAMBEN, Giorgio. “O autor como gesto”. In: _____. **Profanações**. ASSMANN, Selvino J.(trad.). São Paulo: Boitempo, 2007. Páginas 55-64.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Explicação”. In: _____. **Reunião Drummond: dez livros de poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1971. Página 27.

BÁ, A. Hampaté. “A tradição viva”. In: _____. **História geral da África, volume 1**. São Paulo: Ática/ UNESCO, 1980. Capítulo 8, pág. 181-218.

BARTHES, Roland. “Aula de 4 de março de 1978”. In: _____. **O neutro**. BENEDETTI, Castilho (tradutor). São Paulo: Martins Fontes, 2003. Página 71-100.

_____. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

BOSI, Alfredo. "Narrativa e resistência". In: _____. **Literatura e resistência**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, s.d. Capítulo 4, página 118-135.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. "Uma conversa, o que é, para que serve?". In: _____. **Diálogos**. CUNHA, João Gabriel (trad.). Lisboa: Relógio D'Água, 1996. Páginas 11-50.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "Conteúdo e expressão". In: _____. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora, s.d.. Capítulo 1, pág. 7-14.

_____. "Um Édipo muito gordo". In: _____. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora, s.d.. Capítulo 2, pág. 15-24.

_____. "O que é uma literatura menor?". In: _____. **Kafka, por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago Editora, s.d.. Capítulo 3, pág. 25-42.

HEIDEGGER, Martin. "Da essência da verdade". In: _____. **Ser e verdade: a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade**. Petrópolis: Vozes, 2007. Página 97-271.

LAPOUJADE, David. "O corpo que não aguenta mais". In: _____. LINS, Daniel e GADELHA, Silvio (orgs). **Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo**. Rio: Relume-Dumará, 2002.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do, Contos Negreiros: A escrita como forma de aproximação do outro. In: _____. DEALTRY, Giovanna; LEMOS, Masé e CHIARELLI, Stefania (orgs). **Alguma Prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2007. Pág. 193-204.

_____. Instinto de Marginalidade, notícia da atual literatura brasileira. In: _____. CARVALHO FILHO, Sílvio de Almeida. et alii. **Deserdados: dimensões das desigualdades sociais**. Rio de Janeiro: HP Comunicação editora, 2007. Pág. 173-194.

PIGLIA, Ricardo. **O último leitor**. JAHN, Heloísa (trad.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2006.

RESENDE, Beatriz. A indisciplina dos Estudos Culturais. In: _____. **Apontamentos de Crítica Cultural**. Editora Aeroplano, 2002. Pág. 9-54.

SANTIAGO, Silviano. "Análise e interpretação". In: _____. **Uma literatura nos trópicos, Ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Cap. 11, pág. 200-219.

_____. "O entre-lugar do discurso latino-americano". In: _____. **Uma literatura nos trópicos, Ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. Cap.1, pág. 9-26.

_____. **Vale quanto pesa, A ficção brasileira modernista**. Rio de Janeiro: Edipuc, 1982.

_____. “Literatura e Cultura de massa”. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. Página 106-124.

_____. “Intensidades discursivas”. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004. Página 125-133.

SOUZA, Eneida Maria de. “O discurso crítico brasileiro”. In: _____. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Página 47-66.

_____. “O não-lugar da Literatura”. In: _____. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. Pág. 79-88.

Rodrigo Ségges F. Barros, formado em Letras: Licenciatura e Bacharelado em Formação do Escritor, pela PUC-Rio. Atualmente, cursa mestrado em Teoria Literária na UFRJ. Desenvolve, como bolsista do CNPq, projeto sobre marginalidade.
rodrigosegges@yahoo.com.br